

A estupidez e sua relação com o fanatismo e negacionismo

Liliam de Assis Pandini¹

RESUMO

A Estupidez é um fenômeno que acompanha a humanidade ao longo dos séculos e possui um potencial poderoso de causar danos e afetar o bem-estar da sociedade. O fanatismo envolve a perda da capacidade de pensar individualmente e a necessidade de identificação com um líder. Enquanto o negacionismo é visto como uma estratégia para preservar a estupidez e evitar o confronto com a realidade. Neste trabalho pretendeu-se explorar a estupidez humana e sua relação com o fanatismo e a negação da realidade. No intuito de compreender as raízes psicológicas e inconscientes envolvidas no processo de conexão da humanidade com o estúpido e a admiração ao que é idiótico, foram analisadas as contribuições da psicanálise, a natureza do supereu, o processo de identificação da massa, a negação e o fanatismo, além de outros autores que discutiram sobre esses temas e suas características. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica a fim de se aprofundar os conhecimentos sobre as estruturas da mente humana. Para contextualizar com o momento atual, utilizou-se artigos que discutiram sobre os acontecimentos recentes no Brasil, a fim de estabelecer um diálogo com a atualidade. A pesquisa almeja contribuir para uma reflexão crítica e identificação dos tratamentos possíveis das implicações sociais e culturais ocasionadas pela estupidez.

Palavras Chaves: Estupidez; fanatismo; negação; supereu; identificação.

RESUMEN

La estupidez es un fenómeno que ha acompañado a la humanidad a lo largo de los siglos y tiene un poderoso potencial para causar daño y afectar el bienestar de la sociedad. El fanatismo implica la pérdida de la capacidad de pensar individualmente y la necesidad de identificarse con un líder. Mientras que la negación es vista como una estrategia para preservar la estupidez y evitar enfrentar la realidad. Este trabajo pretendía explorar la estupidez humana y su relación con el fanatismo y la negación de la realidad. Para comprender las raíces psicológicas e inconscientes involucradas en el proceso de conexión de la humanidad con lo estúpido y la admiración por lo idiota, se analizaron los aportes del psicoanálisis, la naturaleza del superyó, el proceso de identificación masiva, la negación, el fanatismo. así como otros autores que discutieron estos temas y sus características. La metodología utilizada fue una revisión bibliográfica con el fin de profundizar el conocimiento sobre las estructuras de la mente humana. Para contextualizarlo con el momento actual, se utilizaron artículos que discutieron acontecimientos recientes en Brasil, con el fin de establecer un diálogo con la actualidad. La investigación pretende contribuir a la reflexión crítica y la identificación de posibles tratamientos para las implicaciones sociales y culturales provocadas por la estupidez

¹ Acadêmica do curso de graduação de Psicologia da Rede de Ensino Doctum – Serra - ES

Contraseñas: Estupidez; fanatismo; negación; superego; identificación.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objetivo analisar as relações entre a estupidez, fanatismo e a negação da realidade. Através da descrição das perspectivas provenientes da psicanálise, identificando as relações estabelecidas entre o supereu, o investimento libidinal, a pulsão de morte e os acontecimentos recentes, bem como identificando possíveis manejos clínicos para superar as consequências da estupidez, negação e fanatismo na sociedade.

A estupidez é considerada uma potência poderosa que afeta o bem-estar e a felicidade dos seres humanos. Decorre da capacidade de ocasionar danos a outros sem que se logre benefícios pessoais, muitas vezes revertendo em prejuízos para si mesmo (Cipolla, 2020). O fanatismo, por sua vez, abrange a perda da habilidade de pensar de forma individual, a busca por identificação com um líder e o abandono da possibilidade de dialogar e questionar. Enquanto a negação da realidade advém de uma estratégia a fim de preservar a estupidez e preservar-se do confronto com a realidade estabelecida (Cassorla, 2021).

Esses fenômenos são complexos e têm intrigado filósofos e psicólogos. A psicanálise traz contribuições importantes para se compreender tais fenômenos com seus estudos aprofundados acerca das estruturas da mente humana como o id, eu e supereu, além de proposições sobre pulsão, identificação, e os mecanismos de defesa.

Posto isto, temos como problema de pesquisa a seguinte questão: como a estupidez se relaciona com o fanatismo e a negação da realidade?

Esta pesquisa justificou-se pelo interesse em compreender esse fenômeno complexo e multifacetado que é a estupidez humana, que apesar de muito antigo demonstra-se sempre atual, ou seja, é um dilema recorrente na humanidade. O tema escolhido se propõe a obter informações relevantes sobre os fatores psicológicos e inconscientes que influenciam a sociedade a fazer conexão com atitudes estúpidas.

Nessa perspectiva esse estudo pretendeu investigar e trazer à luz, pela teoria da psicanálise, sobre como se dá o investimento libidinal dos indivíduos da massa na negação da realidade e no fanatismo incitando a estupidez.

Em tempos de polarização política, intolerância e fanatismo, em que a diferença é vista como um inimigo a ser eliminado, faz-se necessário um olhar atento para os diferentes aspectos envolvidos na formação desses ideais estimulando o debate acadêmico e promovendo uma reflexão crítica.

Diante disto esse trabalho buscou encontrar as motivações e compreender os fenômenos envolvidos para discutir possíveis desvios libidinais a fim de propiciar um acréscimo de conhecimento e manejos que possam auxiliar no tratamento das implicações sociais e culturais ocasionadas pela estupidez.

Através de uma análise aprofundada, investigamos a teoria psicanalítica para lançar luz sobre os aspectos envolvidos na condição humana.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Cipolla (2020) define a estupidez como uma das forças mais poderosas e sombrias que impedem o crescimento do bem-estar e da felicidade dos seres humanos. Ele destaca que a estupidez é um privilégio indiscriminado de todos nós e se distribui de maneira uniforme dentre os grupos humanos em uma proporção constante. Essa fração de estúpidos independe da educação, classe econômica, segregação, gênero ou raça. O que varia é o grau de danos que um estúpido pode causar, que está intimamente relacionado à posição de poder deste (Cipolla, 2020).

A estupidez consiste na capacidade do indivíduo em provocar perdas a outro ou a um grupo de outros indivíduos, enquanto não obtém nenhum ganho para si, mas pelo contrário, possivelmente suas ações ou inações também lhe causarão prejuízos (Cipolla, 2020).

Neste mesmo sentido, Gonzalez (2022, p. 167) aborda a concepção nietzschiana do fator que torna uma pessoa estúpida, constituindo-se principalmente no fato dessa pessoa prejudicar a si mesma sem nenhum motivo aparente. E ainda acrescenta sobre o contágio da estupidez:

Num espetáculo coletivo como a ópera wagneriana, de intensidade afetiva transbordada, a pessoa se torna público, o indivíduo se converte em “vizinho”, o particular em “um qualquer” em “alguém mais”, renunciando a seu critério próprio. Sacrificar o critério pessoal à maior glória do grande número, e seu indiscutível encanto, nisso se estriba a estupidez das massas

wagnerizadas². Dito mais especificamente, nisso se estriba a estupidez como lascívia e contágio, numa imersão na histeria coletiva que a todos nos arrasta e a todos nos iguala em qualidade de débeis mentais que gozam suspensos na *Gedankenlosigkeit*³. Os entusiasmados wagnerianos teriam regressado de toda perspectiva genuína, ou seja, diferente, pessoal. Ter-se-iam fundido numa massa em que só mesmo governa, única, a óptica total do tirano sedutor.

Dias (2020), por sua vez, realiza um comparativo entre a estupidez e a peça teatral de Ionesco, *O rinoceronte*, em que a trama se passa em um mundo no qual os seres humanos ficam cativados com a possibilidade de se tornarem rinocerontes, zurrando e causando destruição, abrindo mão do corpo humano e de sua condição de falante. Porém, há um personagem que opta por manter sua originalidade e ser o único a se servir da linguagem, o que o mantém incomunicável com os rinocerontes, trata-se de Bérenger. Posto isto, o personagem chega à conclusão de que no canto desses animais há algo de atrativo, grotesco, porém aliciante.

Sobre o discurso da estupidez, Dias (2020) ainda destaca que as vociferações e a cólera presente nelas favorecem o reconhecimento do ódio e possui como fundamento a recusa ao diálogo. Neste contexto a fala se torna imperativa, não possibilitando que as palavras contenham a transformação semântica. A estupidez se relaciona com a incapacidade e anda junto com o orgulho e a prepotência (Musil, 2020).

A preservação da estupidez como discurso vem com intuito de adversar com o diálogo com o Outro e com qualquer questionamento que possa abalar os seus fundamentos. O discurso da estupidez utiliza-se para tanto de meios fraudulentos que têm sucesso como autênticos (Dias, 2020).

A estupidez pode ser dividida em dois tipos: a primeira baseada em uma fraqueza de intelecto e a segunda, a mais perigosa, baseia-se em um intelecto fraco especificamente em relação à alguma coisa. Ou seja, há um ponto específico em que o intelecto e a afetividade falham, mas a estupidez ambiciosa não reconhece o limite, tornando-se um perigo para a vida (Musil, 2020).

Segundo Bonhoeffer (2003, p. 23), para se tornar parte de um grupo, o ser humano abdica de sua independência de modo quase consciente para outro que está no poder, pois “o poder de um precisa da tolice do outro”. Isso é verificável ao

² Massas wagnerizadas se referem as influências exercidas pelo revolucionário compositor e maestro alemão Wilhelm Richard Wagner (Gonzalez, 2022).

³ *Gedankenlosigkeit*: inconsciência, ausência ou falta de reflexão ou pensamento. (Gonzalez, 2022)

se dialogar com um estúpido, quando se pode perceber que não é com ele que dialogamos e sim com os slogans e códigos que o dominaram, pois ele está fascinado, obcecado e maltratado em seu próprio interior, capaz de realizar maldades e incapaz de reconhecer seus atos como maus. Assim, o sujeito renuncia a sua singularidade para se integrar ao grupo, tornando-se apenas mais um a repetir os jargões que identificam o grupo.

Sobre a relação do sujeito com o grupo podemos observar que:

O estar em grupo pode promover emersão de aspectos irracionais e primitivos; ocorrem inibição do intelecto, busca de identificação com o líder, renúncia a pensar individualmente e desejo de fusão à mentalidade grupal. A coesão do grupo se deve ao fato de que seus integrantes colocam um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do Eu, e através disso se identificam mutuamente e basicamente com o líder grupal. A identificação repousa nesse elemento inconsciente: o ideal do Eu, poderoso, o Supereu (Morelli, 2022, p. 81).

Para Freud (2020), os indivíduos que são membros de uma massa são extraordinariamente influenciáveis e crédulos, são desprovidos de crítica e para eles o improvável não existe. Sobre a massa, ele evidencia que:

[...] pensa por imagens que se evocam associativamente umas às outras, tal como ocorre ao indivíduo nos estados do livre fantasiar, e nenhuma instância razoável afere sua correspondência com a realidade. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. Assim, a massa não conhece a dúvida nem a incerteza (Freud, 2020, p. 50).

Para compreendermos o processo de identificação do indivíduo com os integrantes de uma massa, mais especificamente com seu líder, é necessário adentrarmos no conceito das instâncias psíquicas na perspectiva da psicanálise: eu e supereu.

Acerca da concepção lacaniana de como o eu é produzido a partir da imagem do Outro, Barroso (2012 p. 155) afirma:

A experiência de fragmentação do corpo pelas pulsões é superada pela cristalização de uma imagem unificante, que passa a ter peso de referência, trazendo uma vivência de júbilo diante do reconhecimento da própria imagem, que sucede o reconhecimento recebido pelo Outro. Há aí um recobrimento imaginário do real, e a cada momento que a experiência especular com o semelhante se repete, o eu consolida-se.

O supereu na concepção freudiana, advém como herdeiro do complexo de Édipo, estrutura essencial na formação da subjetividade, e por assumir a função dos

pais trata-se de uma instância moral e muitas vezes hipermoral tendo em vista as suas exigências cruéis, desta forma o supereu se articula ao ideal de eu pela moralidade (Guerra; Moreira; Pena, 2020).

Sobre a instância do super-eu Lewkovitch e Grimber (2016, p. 1195) afirmam que:

(...) tal instância está menos vinculada à consciência do que se pensava. Se a princípio o supereu tem sua origem no declínio do complexo de Édipo – enquanto um precipitado no eu, resultado da identificação às autoridades parentais – conforme avançamos na teoria freudiana, desvela-se o estreito vínculo do supereu ao isso.

O supereu é no fundo um resto que “testemunha uma emergência dissonante do real”, essa instância emerge ao se internalizar a lei paterna, através da identificação que origina o sentimento inconsciente de culpa (Murta; Queiroz; Schimith, 2015, p. 4). O supereu possui um imperativo que impulsiona o gozo, a fim de satisfazer algo impossível de ser satisfeito. Neste sentido, é o responsável pela consciência moral do indivíduo, exigindo que o ego aja sempre de acordo com a moral, porém pode ser capaz de ir além da lei, exigindo apenas ser satisfeito, seja pela via da renúncia pulsional, seja pela via de um gozo sem limites.

Nessa mesma perspectiva, Dias (2020) aponta que o interessante na elaboração de Freud sobre o supereu é que não é apenas uma exigência, mas é atrativa, pois também provoca a possível suspensão do proibido, e envolve no gozo sem interdito. Existe uma espécie de consentimento que baseia para o agir acompanhado das vociferações que é engendrado pela transformação da vontade em Lei.

A transgressão das limitações simbólicas promovidas pelo supereu tem a mesma consistência do caráter imperativo do discurso, uma vez que o ponto comum é o assujeitamento a uma lei de gozo sem interdito. Conseqüentemente, em cada uma delas o poder da metáfora se reencontra praticamente fora de operação (Dias, 2020 p. 38).

Na psicanálise, quando se trabalha com o supereu, demarca sua ganância estrutural e sua dinâmica é vital tanto na teoria quanto na prática clínica, pois o supereu gerencia a pulsão de morte e suas conseqüências estarrecedoras sobre o desejo e a vida, ele retorna sobre o sujeito com um desejo insaciável e mortífero de gozo (Guerra; Moreira; Pena, 2020).

Freud (2010) propôs a existência de duas forças psíquicas opostas no ser humano, a que impulsiona à condição da vida e a força que impele à destruição e morte, denominadas pulsão de vida e pulsão de morte respectivamente.

Freud (2011) destaca ainda que a agressividade do supereu não está apenas vinculada a identificação com as autoridades parentais, essa agressividade é originalmente e principalmente oriunda da pulsão de morte.

O instinto reprimido jamais desiste de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação; todas as formações substitutivas e reativas, todas as sublimações não bastam para suprimir sua contínua tensão, e da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido resulta o fator impulsor que não admite a permanência em nenhuma das situações produzidas (Freud, 2010, p.154).

Na pulsão de morte o organismo não possui em sua constituição o desejo de mudança, buscando sempre retornar aos estados anteriores. A pulsão de vida está sempre em busca de manter a vida e precisa driblar a pulsão oposta, muitas vezes desviando para o exterior boa parte da pulsão de morte em forma de destruição. “A pulsão de morte é responsável ainda pelo sentimento de culpa instalado no ego, que faz com que o sujeito se julgue merecedor de sofrimento” (Azevedo; Neto 2015, p. 70).

Sobre o sentimento de culpa Freud (2011, p. 70), afirma que o indivíduo não possui uma capacidade inerente a ele de distinguir o que é bom ou mal, sendo com frequência o mal algo que ocasiona prazer e desejo ao Eu. A necessidade de amor, cuidado, proteção e ou o medo de um possível castigo que um outro possa causar, faz com que o indivíduo permita que uma influência alheia determine o que será classificado como bom ou mau, portanto, “inicialmente o mau é aquilo devido ao qual alguém é ameaçado com a perda do amor”.

Freud (2011, p. 67) ressalta que a propensão à agressão é uma “disposição de instinto original e autônoma do ser humano”, sendo esse o maior obstáculo da civilização. O instinto de agressão deriva e representa o instinto de morte do ser humano que ao lado da pulsão de vida partilha o domínio do mundo.

Para Morelli (2022), é necessário fazer uma separação entre o que é bom e o que é mau, contudo, se as projeções do que é mau forem exacerbadas, o Eu pode se enfraquecer, aumentando a sua dependência do objeto, limitando e empobrecendo as suas capacidades de manejar conteúdos, dificultando à tolerância

a triangulações e a elaboração do complexo de Édipo. O que pode acarretar numa internalização de objetos ideais que são longínquas de objetos reais.

Martins e Rabêlo (2021, p. 137) descrevem que:

(...) o negacionismo pode ser caracterizado como uma defesa patológica do narcisismo diante dos avanços da ciência. A psicanálise, por sua vez, vem demonstrar que esse processo, em se tratando de sujeitos neuróticos, necessita de respaldo coletivo, o que ocorre por meio da identificação à figura do líder, que exerce a função de substituto do pai morto da horda primitiva (Freud, 1921/1997c). Assim, ao ser colocado no lugar de ideal do eu de cada participante do grupo, essa figura desempenha a função de catalisador dos investimentos libidinais, direcionando-os para uma mesma direção. Ocorre então uma transição dos interesses narcísicos individuais para o coletivo.

Ao desfazer as defesas do inconsciente, até podemos nos aproximar da verdade, contudo ainda assim ela sempre nos escapa, mas nos fanáticos se encontra a certeza da posse da verdade (Cassorla, 2021).

Mentiras perversas podem ser usadas para dominar pessoas e grupos humanos. Sofisticados sistemas de propaganda convencem as pessoas de “verdades” que interessam ao grupo dominador. As vítimas ficam inseguras e confusas em relação ao que é verdadeiro. A destruição do conhecimento facilita a conquista de algum tipo de poder que “salvará” as pessoas da insegurança. (Cassorla, 2021, p. 45-46)

Inicialmente o negacionismo foi utilizado para abnegar fatos históricos, posteriormente se ampliou para outras áreas, desprezando evidências, criando outra realidade que se contrapõe a que é negada. Existem os negacionistas ligados ao fanatismo, os negacionistas que são falsos e possuem o intuito apenas de obter benefícios próprios; além disso há também o adepto idiotizado, que busca apenas sentir que existe e precisa de um líder que favoreça esse sentimento, sem se preocupar com o que é verídico ou falso (Cassorla, 2021).

O fanatismo pode manifestar-se também naqueles do campo oposto. Ao fanático que se vale das Escrituras se opõe o fanático que quer destruir qualquer resquício de tradição. Por vezes, fanatismos se digladiam dentro dos mesmos grupos religiosos e ideológicos, cada qual se considerando mais “puro” que o outro. (Cassorla, 2021, p. 49)

O negacionista fanático possui indícios de alterações iniciais no seu desenvolvimento que o fizeram se ligar de maneira nociva a objetos idealizados como forma de proteção ao sofrimento e desamparo, constituindo organizações narcísicas

assoladoras e cruéis que enxergam ameaças em tudo aquilo que é não Eu, ou seja, na alteridade. Há no negacionismo algo de uma cegueira, pois ao ver o indivíduo entraria em contato com o mundo da realidade que pode lhe causar gratificação ou frustração (Cassorla, 2021).

De acordo com Dias (2020) a humanidade tende a ser, e muitas vezes é, seduzida pela cegueira e a surdez, sendo esta a realidade instaurada pela estupidez, sustentada pela força que busca minar qualquer sinal de alteridade.

Ao dialogar com as leis fundamentais da estupidez definidas por Cipolla, Dias (2020) justifica a razão pela qual a pessoa estúpida é a mais perigosa, que é devido a ela ser passível ao fascínio cego pelo discurso do Outro.

(...) A paixão nesse caso, está desinvestida de erotismo. Para ser conforme à vida comum e cotidiana, destituída de sonhos, o Outro do estúpido se faz ver e ouvir a partir de uma moral regulada pelo supereu, fazendo o que é supostamente certo, sacrificando qualquer tipo de gozo que possa parecer excessivo, no sentido de particular, ou seja separado. (Dias, 2020, p. 62)

Cabe ressaltar o que Dias (2020) agrega sobre a estupidez: ela não é algo particular de um país, é mundial e não ocorre de maneira isolada, é um agente patogênico que se alastra e propaga a destruição e tal qual o rinoceronte o estúpido possui suas próprias leis e sua realidade específica.

Recentemente o mundo foi acometido por uma pandemia causada pelo novo vírus coronavírus de nomenclatura Sars-CoV-2 e mais conhecido como Covid-19 (Almeida; Guerreiro, 2021). As atividades econômicas e sociais ficaram restritas afetando a vida em sociedade. Em determinados países, incluindo o Brasil, em que as lideranças eram consideradas conservadoras, a política de enfrentamento da pandemia teve prevalência de orientações “avessas ao conhecimento científico”, com uma característica negligente com relação à vida humana (Campos, 2020, p. 71). Verificamos, portanto, o que aponta Musil (2020), ao indicar que a estupidez causa risco à vida.

Almeida e Guerreiro (2021, p. 52) indicam o peso que algumas categorias ganharam e como se introduziram no dialeto da “imprensa, de políticos e nas redes sociais” no decorrer da pandemia Covid-19 e dentre elas estão as noções de genocídio e negacionismo. Eles salientam que:

No Brasil, o negacionismo tem sido uma linguagem recorrente, uma espécie de idioma com um sotaque muito característico da extrema-direita,

indicando um alinhamento entre a liderança supracitada e o governo federal. Durante a pandemia, notamos que certas declarações de Bolsonaro eram previamente citadas nas lives de pastores evangélicos ou vice-versa, indicando uma clara sincronia. Isso foi evidenciado em muitas falas e atitudes: a recusa em fechar os templos religiosos; o uso de medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da doença, como hidroxicloroquina, cloroquina, azitromicina e ivermectina; as desconfianças em relação às vacinas; a negação da eficácia do uso de máscara facial; a defesa de falsas terapias (como o feijão unguento anunciado pelo apóstolo Valdemiro Santiago); a falácia de que a contagem de mortes é exagerada, coincidindo com as fake news sobre supostos caixões e túmulos vazios ao redor do país (...) (Almeida; Guerreiro; 2021, p. 52).

De acordo com De Oliveira (2021), o pensamento e a ação do então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, bem como de seus filhos, demonstram sua aproximação com o autoritarismo, totalitarismo, populismo e messianismo. Esses atores políticos, não se abrem ao diálogo democrático, para eles há um único sentido e uma única verdade, no singular. Essa verdade singular não suporta a existência da alteridade, assim, esses agentes políticos se implicaram na repetição da sua única verdade e no aniquilamento do que difere dela.

3 METODOLOGIA

O recurso metodológico utilizado foi de caráter exploratório, com o intuito de analisar as obras bibliográficas que permitiram a realização de uma revisão da literatura sobre a estupidez, negacionismo e fanatismo, com o propósito de tentar compreender as razões e motivações que estão relacionadas a esses conceitos.

O uso desse método justificou-se devido à necessidade de maior familiarização com o problema. Conforme Gil (2002), o principal benefício da pesquisa bibliográfica é permitir que o observador tenha um alcance de um conjunto de eventos mais extenso do que a pesquisa direta.

Além dos conceitos psicanalíticos, a pesquisa também foi baseada em estudos de outros autores. Mauro Mendes dias, Carlo M. Cipolla, Robert Musil, Dietrich Bonhoeffer, que possuem pesquisas relacionadas ao tema proposto além de artigos científicos.

Para que a pesquisa bibliográfica dialogasse com realidade foram utilizados artigos que discutiram os acontecimentos recentes no Brasil ocorridos de 2020 a 2023, com a finalidade de trazer dados atuais.

Partindo dos conceitos desses autores e dos dados obtidos, pretendeu-se identificar quais são as relações estabelecidas entre a estupidez, o fanatismo, o

negacionismo e os acontecimentos recentes no país. Na busca de possíveis manejos que se possa utilizar para se lidar com o estúpido e prevenir que a estupidez tenha resultados devastadores.

4 RESULTADOS

O presente trabalho teve o intuito de compreender como a estupidez se relaciona com o fanatismo e a negação da realidade através da busca de constructos teóricos que permitam elaborar tal relação. Neste contexto foi proposto uma revisão da literatura sobre os aspectos envolvidos na manifestação dos conceitos supracitados.

Quadro 1 - Artigos relacionados à conceitualização de 2012 a 2022.

Título	Ano	Revista	Autores
O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud	2015	Revista subjetividades	AZEVEDO, Monia Karine; NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello
Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan	2012	Barbaroi	BARROSO, Adriane de Freitas
Arrancando os olhos: reflexões sobre negacionismo	2021	Jornal de Psicanálise	CASSORLA, Roosevelt
Fanatismo e negacionismo	2021	ALTER–Revista de Estudos Psicanalíticos	CASSORLA, Roosevelt
O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural	2020	Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamenta	GUERRA, Andréa Máris Campos, MOREIRA
Nietzsche e a ambígua valoração da estupidez	2022	Cadernos Nietzsche	GONZÁLEZ, Mariano Rodríguez
A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e supereu	2016	Estudos e Pesquisas em Psicologia	LEWKOVITCH, Andréa Di Pietro
Espelhos da Cultura, organizações patológicas da personalidade	2022	Cadernos de Psicanálise	MORELLI, Andréa De Dávide Ratto
Os sombrios poderes do supereu	2015	Opção Lacaniana online nova série	MURTA, Alberto; SCHIMITH, Polyana; SÁVIO, S. Q.

Fonte: Elaboração própria

Sobre os processos identificatórios das massas pôde-se identificar a importância da conceitualização do supereu e da pulsão de morte. Dos 9 artigos selecionados, cinco utilizaram os conceitos de supereu de Freud e Lacan. Esses autores enfatizam a relação entre a moralidade e o ideal de eu do sujeito, bem como a consolidação do eu através do olhar do Outro. (Barroso, 2012; Guerra, Moreira; Pena, 2020; Lewkovitch; Grimber, 2016; Morelli, 2022; Murta, Queiroz; Schimith, 2015).

Morelli (2022) salienta que a moralidade introjetada em excesso tem o poder de enfraquecer o eu, que fica mais suscetível à dependência para com o objeto, resultando em idealizações irreais. Cassorla (2021) também acredita que o negacionista fanático tem uma ligação nociva à objetos idealizados que podem ser resultado de alterações iniciais no desenvolvimento do indivíduo.

Murta, Queiroz e Schimith (2015); Lewkovitch e Grimber (2016); Barroso (2012); Guerra, Moreira e Pena (2020), apresentam o conceito de supereu como advindo das identificações primárias do indivíduo. Também abordam a relação do gozo imposto pelo supereu ao ego e sua incessante exigência de satisfação e punição.

Sobre a estupidez, Gonzalez (2022) destaca a visão nietzschiana de que ser estúpido consiste em prejudicar-se a si mesmo sem razão aparente e que em grupo a estupidez se contagia assim como destaca Morelli (2022) que o indivíduo dentro do grupo renuncia à sua individualidade.

Dos artigos pesquisados três deles fazem menção à pulsão de morte. Nestes, os autores trouxeram que o imperativo superegoico severo de gozo está intimamente ligado à pulsão de morte, tendo em vista que o supereu coordena a pulsão de morte (Guerra; Moreira; Pena, 2020). Da mesma forma que Azevedo e Neto (2015) destacam que a culpa instalada no ego advém da pulsão de morte. Enquanto Murta, Queiroz e Schimith (2015) ressaltam que na perspectiva freudiana o supereu também tem suas raízes no id que abriga a pulsão de morte.

Quanto ao negacionismo e fanatismo foram utilizadas as informações de três artigos. Sobre o fanatismo, encontramos em Cassorla (2021) que as defesas inconscientes são os principais entraves para nos aproximarmos da verdade, e mesmo nos livrando delas não conhecemos a verdade em sua plenitude, mas ainda assim os fanáticos acreditam possuí-la. Ele ainda salienta que tanto o fanatismo como o negacionismo aparecem com mais frequência em fases de mudanças drásticas para o indivíduo e/ou para os grupos sociais, tornando essas pessoas suscetíveis ao domínio de líderes com intenções duvidosas. Já Guerreiro e Almeida (2021) apontam para a negação com sendo uma máscara retirada de si e colocada no mundo, a fim de fugir do desconforto e da dor e gradua entre a negação mais branda até a mais severa como a instituída como política de governo.

Cassorla (2021) também observa que há uma possibilidade de que a multiplicidade de fanatismos e negacionismos atuais pode ser influenciada pela

dificuldade dos seres humanos de conviver em sistemas democráticos. Por detrás de todo negacionismo, existe de forma encoberta a indignação pela liberdade, criatividade e coexistência proveitosa com o diferente.

Com o intuito de contextualizar os achados supracitados com os eventos políticos ocorridos no Brasil foram analisados artigos que discorreram sobre os acontecimentos referentes ao período de 2020 a 2023.

Quadro 2 - Artigos relacionados aos acontecimentos políticos no Brasil publicados de 2021 a 2023

Título	Ano	Revista	Autores
Ataque aos bens culturais: prejuízo histórico-cultural causado no episódio de 8 de janeiro de 2023, em Brasília	2023	Cadernos de Educação e Desenvolvimento	CUSTÓDIO, Jefferson Lopes; SILVA, Fernanda Linhares; DE SÁ, Adriana Abreu
A “ideia plana” e a repulsa ao Outro: o caso Bolsonaro (s)	2021	Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público	DE OLIVEIRA, Pedro Pinto
"E daí": niilismo e negacionismo à brasileira	2021	Estudos Nietzsche	DE PAULA, Wander Andrade
Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19	2021	Religião & sociedade	ALMEIDA, Ronaldo de, GUERREIRO, Clayton
O negacionismo: uma leitura psicanalítica de O castelo branco, de O. Pamuk.	2021	Ide	RABELO, Fabiano Chagas; MARTINS, Karla Patrícia Holanda

Fonte: Elaboração própria

Os cinco artigos específicos retratam pontualmente a pandemia da Covid19 e a atuação do governo federal. Os autores discutem o enfrentamento da pandemia, o negacionismo, o discurso do então presidente Jair Messias Bolsonaro e aspectos religiosos envolvidos na necropolítica.

Rabêlo (2021) constata que os negacionistas e terraplanistas não alicerçam seus argumentos em uma percepção de mundo inteligível e que o governo federal manteve durante a pandemia um posicionamento antagônico às instituições democráticas.

Ainda sobre os acontecimentos recentes foi utilizado dentre os artigos pesquisados um que retrata o ataque à sede dos três Poderes da República por um grupo de apoiadores do Ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Os autores discorrem sobre os Momentos de barbárie e vandalismo ao patrimônio público brasileiro ocorridos em 8 de janeiro 2023, enfatizando o papel do discurso de ódio e discriminação, uma realidade vivida no Brasil nos últimos anos, que culminaram em ações ditas terroristas.

5 DISCUSSÃO

Foram identificados aspectos psicológicos e inconscientes que propiciam a formação do sujeito e sua propensão a se ligar a conceitos distorcidos da realidade.

Destaca-se que os artigos pesquisados em sua maioria ressaltam a importância de uma boa formação do supereu, este que exige ao sujeito “goza” e ao mesmo tempo lhe provoca culpa, assim Murta, Queiroz e Schimith (2015) observam que o supereu incide através da culpa em questões morais. Já Morelli (2022, p. 90) propõe que existem determinadas organizações culturais que se alicerçam em uma submissão incondicional e no imperativo de um “Supereu cruel e louco”.

A formação do supereu perpassa pelo processo de investimento libidinal na figura dos cuidadores centrais que conforme destaca Freud (2011) permite que o outro determine o que será classificado como bom ou mau. Morelli (2022) acrescenta que quando essa classificação do que é mau for introjetada de maneira excessiva o Eu pode se formar de maneira a tornar o sujeito frágil e com baixa tolerância a triangulações.

Há um consenso de que um supereu supermoral e cruel de forma excessiva pode estar intimamente ligado ao processo de negação da realidade, bem como ao comportamento fanático relacionado à estupidez. Cipolla (2020), Gonzalez (2022) e Dias (2020), concordam que o comportamento estúpido não traz ao indivíduo benefício algum, pelo contrário afirmam que o mesmo pode ser auto lesivo. O que nos faz intuir que a estupidez se estabelece nessa dificuldade do ser humano em se equilibrar entre os desejos primitivos e uma excessiva crueldade moral que acaba sendo lançada para fora.

Na época em que dependiam muito do objeto não encontraram acolhimento, ajuste e/ou incentivo suficiente para alcançar e aceitar graus saudáveis e necessários de separação do objeto. Sem um Eu minimamente robusto, predominam mecanismos esquizoparanoides, grande dependência para com o objeto, as triangulações são como ataques e há imensa dificuldade de elaborar e/ou transitar pela posição depressiva (Morelli, 2022, p. 86).

No cenário atual pode-se considerar o movimento, visto como terrorista, do dia 8 de janeiro como um exemplo de fanatismo, negacionismo que resultou em ações estúpidas. Tendo em vista que uma minoria vencida nas eleições se reuniu motivados pela sua identificação fanática com o líder, o ex-presidente do Brasil, negando o resultado das eleições a fim de depredar o patrimônio cultural da nação e

atacar a democracia brasileira. Patrimônio esse que pertence a todos os brasileiros ocasionando em um prejuízo inestimável para a sociedade bem como a prisão em flagrante de pelo menos 2.151 pessoas (Custódio; Silva; De Sá, 2023).

Para Dias (2020, p 21), as vociferações instituídas no discurso estão imbuídas de ódio, “orquestrando os afetos” e cheias de lemas destituídos de significados. Assim, as vociferações são consideradas o exercício duplo do comando do supereu, suspendendo e introduzindo as proibições baseadas em uma espécie de anuência estabelecida pela conversão da vontade em Lei.

Neste aspecto, De Oliveira (2021), salienta que a violência pertence ao viés totalitário, cuja principal característica é a dependência do exercício contínuo de gestos e discursos de força e violência, pontuando os gestos e palavras rasas autoritárias contidos no modo populista estilo Bolsonaro de ser. Dias (2020, p. 63) considera que a estupidez necessita de companheiros para perpetuar seu “ódio e a zombaria” e assim as vociferações assumem o protagonismo, “Eles zurram com força, pela força e para a força triunfar como política. Tal tipo de fascismo é movido pelo ódio”.

A estupidez, que se presentifica também no nazismo e fascismo, objetiva a destruição de tudo que difere dela sem se preocupar com as consequências de suas ações. O discurso da estupidez, inflamado por meio de vociferações, fomenta o ódio e a recusa ao diálogo tornando, a fala imperativa e sem sentido, o que remete as características do supereu Dias (2020). Assim, esse discurso replica indefinidamente aquilo que se compreende como a verdade, sempre única e absoluta (De Oliveira, 2021). Isso se dá de tal modo que o comportamento daqueles que fazem parte do grupo reflete o imperativo superegoico: goza!.

No que diz respeito ao assujeitamento do indivíduo identificado com o grupo Freud (2020), Morelli (2022) e Bonhoeffer (2003) convergem. Não se pode desconsiderar o papel da massa na formação das ideias negacionistas, fanáticas e por consequências estúpidas. Isso pode ser verificado na história recente do Brasil, quando houve uma grande mobilização por parte da extrema-direita em divulgar notícias falsas em torno da contestação do processo eleitoral e da fragilidade das urnas. Essa enxurrada de informações juntamente com a mobilização da massa bolsonarista resultou nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. Pais, mães e avós renunciaram a sua subjetividade e praticaram atos violentos, agressivos e se tornaram capazes de cometer crimes em nome de seu líder idealizado e da

manutenção do laço social com o grupo. O sujeito com o eu enfraquecido anseia pela sensação de pertencimento e olhar do Outro.

O advento das redes sociais também influi nesse processo de propagação de ódio e manipulação, e o algoritmo favorece na recusa da alteridade, enquanto um pretense anonimato permite que os membros deturpem a verdade e propagem preconceitos e violência livremente (Cassorla, 2021). As redes fornecem ao sujeito algo que ele busca com frequência e as informações recebidas dão sustento ao que ele já acredita (De Paula, 2021).

O fanático altera a apreensão e o entendimento do real com a finalidade de transformá-lo e atender aos seus “desejos conscientes e inconscientes” (Cassorla, 2021, p. 116). O que pode ser acrescentado pelo pensamento de Freud (2011) que atribui ao mal, como nem sempre sendo algo perigoso e ruim para o Eu, mas às vezes, como sendo algo que ele deseja e busca a fim de alcançar o prazer.

Conforme Rabelo e Martins (2021), em 2020 o mundo foi acometido pela pandemia da Covid19, e o governo brasileiro adotou medidas de combate à doença baseado em premissas falsas, ausentes de comprovações sérias e confiáveis, e na contramão das determinações da OMS (Organização Mundial da Saúde). O que corrobora as ideias de Cassorla (2021) que se refere ao fanático como alguém que necessita atacar as evidências que podem abalar suas ideias e que qualquer forma de perversidade se justifica em prol da causa. Ele acrescenta ainda que o fanatismo possui terreno fértil em uma pessoa, sociedade ou grupo quando há a sensação de fragilidade e ameaça.

A pulsão de morte traz consigo o desejo de permanência, como observa Azevedo e Neto (2015), a mudança não é bem-vinda e o desvio desse desejo pode ser externado em maneiras destrutivas e agressivas. De Paula (2021) se baseia no conceito de Freud de que a negação é sucessora da expulsão e pertence à pulsão de morte. O sujeito recusa então fatos científicos e se nega a enxergar a realidade agredindo o conhecimento, abnegando fatos históricos afastando qualquer fragmento que ameace suas crenças no intuito de proteger-se do sofrimento e desamparo, pois ao evitar o contato com a realidade ele pode então se abster da frustração (Cassorla, 2021).

O que fortalece a afirmação de De Paula (2021, p 106) de que:

(...) o negacionismo que testemunhamos especialmente no discurso de Jair Bolsonaro a respeito da atual pandemia de Covid-19 é uma espécie de hipertrofia do aspecto mais básico da função intelectual da negação, no sentido de que nesse discurso pode ser percebido o desejo de expulsar e até mesmo de considerar como inimigo tudo aquilo que for considerado diferente de si mesmo e que, portanto, não figure entre seus objetos mais imediatos de desejo.

O discurso de Jair Bolsonaro nos remete à explicação de Cassorla (2021, p. 118) sobre como as vivências emocionais são transmitidas pelas oscilações da “intensidade vocal, timbre, pausas, tons, como atos da fala, linguagem performativa” induzindo ao que ouve a crer no que se está sendo dito, mobilizando emoções.

Muitas pessoas tiveram suas relações sociais e familiares rompidas no período eleitoral, o ódio que até então se manteve contido, encontrou terreno fértil para vociferar a fim de criar situações favoráveis para que “(...) a barata chegasse ao poder. Assim, o esgoto por onde se proliferavam encontrou razão de ser pela boca da estupidez” (Dias, 2021, p. 67). Assim como a negação tem a necessidade de tapar os olhos, a estupidez possui a necessidade de tapar os olhos e ouvidos.

Cassorla (2021) orienta sobre como a psicanálise pode ajudar no tratamento de fanáticos e negacionistas, ressaltando que mesmo que a maioria dessas pessoas não tenham tendência a procurarem auxílio, pode-se identificar essas características em pacientes que buscam atendimento por outras razões e é possível ajudá-los a se conhecerem de maneira mais aprofundada, sem a intenção de torná-los alguém “melhor”. Retomamos aqui a perspectiva de Musil (2020), embora ele não se proponha a fazer uma leitura da estupidez na perspectiva da psicanálise, ele faz uma indicação importante: a estupidez demonstra o ponto em que a racionalidade falha e os limites são desprezados. Nesse sentido, numa experiência de análise, os pontos de falha e os limites precisam aparecer para que se possa fazer falhar e limitar o imperativo de gozo superegoico.

Dias (2020) adverte que não há como dialogarmos sobre apenas um tratamento possível, mas sim evidenciar a busca por vários tratamentos possíveis, no plural, é imprescindível uma análise aprofundada dos aspectos políticos, históricos e subjetivos, levando em consideração que somos conduzidos de maneira inconsciente pelos significantes dominantes em determinado período histórico, ou seja a cultura em que vivemos influi diretamente no desejo individual.

Sendo assim, é preciso que haja um esforço em conjunto para que o cultivo do ódio como política seja então reduzido e o uso da palavra volte a ser vontade

daqueles que anseiam por mudanças (Dias, 2020). Desta forma talvez não tenhamos o que Cipolla (2020, p. 85) chamou de “proliferação alarmante dos bandidos com toques de estupidez” no poder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil vive uma onda de notícias falsas, terraplanismo e bolsonarismo que trouxe para o país desastres imensuráveis. Essas foram as razões que motivaram esta pesquisa, pois diante de tantas notícias de atos nocivos à nossa sociedade ponderou-se a necessidade de uma compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos nesses comportamentos negacionistas, fanáticos e estúpidos.

Sujeitos envolvidos em um moralismo extremista tentam moldar a sociedade de acordo com suas próprias leis, o que nesta pesquisa pôde-se identificar como relacionado à um supereu que utiliza de sua força destrutiva atrelada à pulsão de morte para veicular Fake News e propagar o ódio contra a alteridade. Deste modo, as vociferações agem com o consentimento do supereu para o gozo sem limites (Dias, 2020).

Esse supereu excessivamente cruel, deixa resquício no indivíduo proporcionando ligações desastrosas, caracterizando o processo identificatório da massa com seu líder. Entra em cena um fascínio para com objetos idealizados e uma necessidade em negar tudo aquilo que possa colocar em risco essa realidade fantasiosa ocasionando muitas vezes em comportamento estúpidos. A estupidez não necessariamente torna o sujeito adepto do negacionismo ou fanatismo, mas ela é comumente consequência destes.

Este trabalho levou a compreensão de que a estupidez pode ser uma mazela existente em todo ser humano em certa medida, mas também pode ser uma oportunidade de se olhar para dentro e compreender que a frustração e a angústia de nossas próprias limitações não devem determinar nossas atitudes de maneira primitiva ou até mesmo perversa.

Em se tratando dos tratamentos possíveis, resgato o que aborda Dias (2020) sobre as dificuldades em se tratar alguém que se recusa ao diálogo e possui problemas na metaforização, para isso o analista necessita de dispor energia e tempo às vezes para além do que se espera. Outro ponto considerado relevante é uma análise aprofundada dos aspectos políticos, históricos e subjetivos envolvidos

no surgimento da estupidez. Sem deixar de fora a influência que as artes, música e literatura podem exercer contra a proliferação de estúpidos vociferantes, assim como ratifica Morelli (2022) ao afirmar que a arte pode amplificar nossas percepções de mundo. Neste sentido acredito ser a comédia um grande aliado que pode abordar de maneira divertida aspectos mais profundos do ser humano.

Posto isto, se faz necessário incentivar a fala, pressuposto do campo psicanalítico, para que germine o olhar para dentro de si e nesse momento de crise mundial encaremos nossos anseios e angústias de maneira pacífica e não externalizando com violência, guerras e destruição. Mesmo sabendo que como Morelli (2022, p. 82) enfatiza: “A potência para destruir parece ser bem mais fácil de ser praticada do que a potência para construir”.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.; GUERREIRO, C. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & sociedade**, v. 41, p. 49-74, 2021.

AZEVEDO, M. K; NETO, G. A. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista subjetividades**, v. 15, n. 1, p. 67-75, 2015.

BARROSO, A. F. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. **Barbaroi**, n. 36, p. 149-159, 2012.

BONHOEFFER, D. **Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Sinodal, 2003.

CASSORLA, R. M. Arrancando os olhos: reflexões sobre negacionismo. **Jornal de Psicanálise**, v. 54, n. 101, p. 35-55, 2021.

CASSORLA, R. M. Fanatismo e negacionismo. **ALTER–Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 37, n. 1, p. 113-128, 2021.

CIPOLLA, C. M. **As leis fundamentais da estupidez humana**. 2. Ed. São Paulo: Planeta Estratégia, 2020.

CUSTÓDIO, J. L.; SILVA; F. L; DE SÁ, A. A. Ataque aos bens culturais: prejuízo histórico-cultural causado no episódio de 8 de janeiro de 2023, em Brasília. **Cadernos de Educação e Desenvolvimento**, v. 15, n. 7, p. 5876-5895, 2023.

DE OLIVEIRA, P. P. A “ideia plana” e a repulsa ao Outro: o caso Bolsonaro (s). **Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 12, p. 67-81, 2021.

DE PAULA, W. A. "E daí": niilismo e negacionismo à brasileira. **Estudos Nietzsche**, v. 12, n. 1, 2021.

DIAS, M. M. **O discurso da estupidez**. 1. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2020.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Reimpressão, 10. Ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. Obras completas, volume 14: **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")**, **Além do Princípio de Prazer e outros textos**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GUERRA, A. M.; MOREIRA, J. O.; PENA, B. F. O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, p. 37-56, 2020.

GONZÁLEZ, M. R. Nietzsche e a ambígua valoração da estupidez. **Cadernos Nietzsche**, v. 43, p. 153-180, 2022.

LEWKOVITCH, A. P. A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e supereu. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 16, n. 4, p. 1189-1198, 2016.

MORELLI, A. D. Espelhos da cultura. **Cadernos de Psicanálise CPRJ**, v. 44, n. 46, p. 79-98, 2022.

MURTA, A.; QUEIROZ, S. S.; SCHIMITH, P. Os sombrios poderes do supereu. **Opção Lacaniana online nova série**, v. 6, n. 16, p. 1-12, 2015.

MUSIL, R. **Da estupidez**. LeBooks Editora, 2020.

RABÊLO, F. C; MARTINS, K. P. O negacionismo: uma leitura psicanalítica de O castelo branco, de O. Pamuk. **Ide**, v. 43, n. 72, p. 129-140, 2021.